



Cinemento – Cinema em movimento

CINEMA EXPANDIDO NA SALA DE AULA EXPANDIDA

CINEMA É UM CONCEITO POLISSÊMICO. Etimologicamente, deriva da palavra grega *KINEMA*, que quer dizer *imagem em movimento*. Ela encurta o termo cinematógrafo – dispositivo de reprodução de imagens em movimento criado na França, considerado, convencionalmente, como a origem do cinema. Em primeiro lugar, é importante dizer que tudo o que hoje consideramos audiovisual tem sua origem no cinema¹. Também, compreendemos que os conceitos *cinema* e *audiovisual* sejam usados indistinta e legitimamente em nossos dias, mas faço a opção por usar o termo *cinema*, entendendo que ao longo da história do cinema temos pelo menos cinco momentos fortes (cinema do dispositivo, cinema

experimental, arte do vídeo, cinema expandido e cinema interativo)². Isto é, preferimos utilizar o conceito de cinema no sentido do *cinema expandido* (proposto de forma visionária por Gene Youngblood, na década de 1970). Desse modo, podemos nos referir a esse sentido mais lato da expressão, que permite que a própria arte se reinvente sob todas as suas novas modalidades e que alargue as fronteiras de uma modalidade de cinema instituído hegemônico.

Tradicionalmente, associamos o cinema a uma experiência audiovisual de projeção de imagens numa sala escura, de aproximadamente duas horas, com boas

condições de imagem e som. Essa é, porém, apenas uma das formas do cinema, a que se tornou predominante. Enquanto o cinema experimental se limita a experimentações com o cinema e a videoarte é definida pelo uso da imagem eletrônica (quando ainda havia uma distinção de suporte de captação entre o cinema 35mm e o vídeo), o cinema expandido, como dispositivo, dirá o autor, nos libera de determinismos tecnológicos, arquitetônicos, históricos ou estéticos. Podemos considerá-lo um cinema ampliado, ambiental, híbrido. É o próprio dispositivo que se reinventa multiplicando telas, intensidades, durações e a própria relação dos espectadores com as imagens.

As possibilidades que a tecnologia permite hoje para a produção e reprodução de imagens e sons altera o dispositivo do cinema no sentido arquitetônico – não precisamos, a rigor, estar numa sala de cinema para termos uma boa projeção, desde que tenhamos boas condições de imagem, som e climatização. Esse fenômeno também se faz extensivo à produção, edição, transmissão e distribuição das imagens e à dimensão discursiva (decupagem, montagem etc.)³. Esse cinema chega hoje nas salas de aula, nas paredes do pátio nos recreios, nos horários de escolaridade no hospital. Essas experiências audiovisuais criam novos deslocamentos ou pontos de fuga em relação ao que entendemos por cinema. Nesse sentido, entendemos que hoje diferentes espaços se apropriam de uma certa experiência de cinema menos formal, instituída, sujeita a atravessamentos de pessoas, ruídos, eventuais entradas de luz, falas, telas que se movem e toda uma série de deslocamentos materiais que a mobilidade dos dispositivos de projeção e exibição possibilitam.

O cinema e a produção de exercícios audiovisuais na escola permitem um trabalho coletivo, não necessariamente centrado na cultura letrada, que coloca o estudante diante dos desafios éticos e estéticos para a concepção de uma imagem, algo fundamental no momento em que a produção de imagens se faz

incessantemente. Destacam-se ainda a transversalidade do cinema na escola e os fortes diálogos que já existem com muitas áreas: história, geografia, filosofia, língua portuguesa e estrangeira, entre outras. O cinema nos permite criar um modo de relação com o mundo que nos remete aos modos de produzir conhecimento: por descoberta e por invenção. Há um mundo/conhecimento que podemos descobrir e ainda um mundo/conhecimento que há de ser alterado, construído, produzido, inventado. Considero que essa produção de conhecimento é cada vez mais colaborativa e rapidamente compartilhada pelas redes sociais dos dispositivos móveis de comunicação. Esses que fazem com que as salas de aulas tenham suas paredes atravessadas por redes, tornando as suas paredes cada vez mais virtuais⁴. Mas será que, no caso da sala de aula, esses “furos” a descaracterizam? Quantos “furos” precisamos deixar permear as paredes da sala? Quantos seria preciso obstruir? Afinal, o que é uma aula?

Podemos pensar a sala de aula como um espaço delimitado basicamente por quatro paredes, uma das quais tem um quadro, com pelo menos uma porta e janelas, onde se produz conhecimento na interação dos professores e estudantes com saberes e práticas, mais especificamente com os conhecimentos escolares. No abecedário audiovisual sobre educação, produzido recentemente com o professor Jorge Larrosa, encontramos preciosas características etimológicas e históricas, que caracterizam esse espaço com poesia e profundidade, a saber:

A sala de aula é um invento prodigioso, milenar, é quiçá o artefato que melhor caracteriza a escola, e eu gosto que, em português, se use ainda a expressão sala de aula e não classroom ou sala de classes que há em outras línguas. De fato aqui os professores dão aula, assim como os estudantes assistem aula. A palavra aula tem uma etimologia muito interessante, significa um círculo fechado,

mas depois, por extensão, um espaço no qual se detêm as crianças e ao mesmo tempo no qual elas são protegidas. Também nas cortes dos palácios, aula era um pátio vazio onde habitavam os funcionários que não tinham uma função específica. Daí que Goethe, por exemplo, era conselheiro “áulico” na corte de Weimar. E eu gosto disso porque a aula tem algo de ritual, algo que cerca, algo de cárcere e refúgio, ao mesmo tempo; e também tem algo de espaço vazio sem nenhuma função específica e que, portanto, pode ser preenchido com qualquer coisa. É o dispositivo pedagógico por excelência; é um lugar fechado que começa quando o professor fecha a porta; é um lugar para a atenção compartilhada. A aula começa quando o professor chama a atenção para alguma coisa. É o lugar da voz. Há um texto de María Zambrano muito bonito, em que ela diz que: “A aula é o lugar da voz, no qual se aprenderá de ouvido”; é o lugar da escrita: não há aula sem quadro negro; é o lugar da imagem: as paredes da sala de aula são paredes que não se parecem com nenhuma outra parede do mundo, são paredes nas quais se pode escrever, são paredes nas quais se podem pendurar coisas: mapas, gráficos, esqueletos, atlas de anatomia, mas também se podem projetar coisas; é o lugar dos alunos. Os alunos começam a ser alunos no momento em que cruzam a porta da sala de aula. Eles se constituem como alunos no momento em que cruzam a porta da sala de aula. E é o lugar do professor, porque eu gosto disso do português, porque o professor é quem faz a aula, ou seja, é quem faz com que a aula seja aula, mas ao mesmo tempo, o professor é feito ou constituído por essa tecnologia particular, por essa disposição particular dos corpos, dos olhares, das palavras e dos silêncios, e poderíamos terminar este verbete dizendo que a aula está em via de desaparecimento, não apenas pelo fato de que se pode aprender qualquer coisa em qualquer lugar. Portanto, já não é preciso ir a qualquer lugar para aprender, mas também porque a aula está se

convertendo em um “ambiente de aprendizagem” e um ambiente de aprendizagem não é exatamente o mesmo que uma sala de aula.⁵

Podemos pensar, em sentido amplo, que se trata de um lugar da democratização do conhecimento, reconhecendo as escolas enquanto espaços de ampliação e produção, circulação e fruição da cultura docente e discente. Tomo o conceito de *sala de aula ampliada*⁶ para fazer um paralelo e propor uma *sala de aula expandida*, criando um paralelismo com o conceito de cinema proposto. Ampliada pelo vazio, pelo indeterminado que habita nela, pelo que ela transpira por suas paredes, impregnando as atividades dos recreios, da biblioteca, da sala de ciências, da cozinha, do refeitório, da sala de artes, entre outros espaços. Essa sala de aula que se desloca sempre que os três elementos essenciais estão em relação com a potência da intensidade do encontro entre docente, discentes e conhecimento escolar.

Cinema expandido em salas de aula expandidas, uma proposta, um desafio para ir modulando formas. Um encontro que se produz na própria expansão, no que excede o cinema e a própria aula, em um espaço de igualdade, se entendemos a escola como aquele espaço que suspende a desigualdade marcada pelo nascimento; como aquele espaço de generosidade, no qual a gente tem tempo, um lugar e umas materialidades e vivências para estudar, aprender, criar, brincar. A escola toma a vida real e a transforma temporariamente em um jogo. Vamos jogar.

Este texto é uma adaptação do trabalho apresentado no Seminário Temático Cinema e Educação, SOCINE 2016

*** ADRIANA FRESQUET** é professora da CINEAD/LECAV/ Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e organizadora do livro *Cinema e Educação: A Lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*.



Cinemento - Cinema em movimento

REFERÊNCIAS

1. DUBOIS, P. *Cinema, vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

2. PARENTE, André. *Cinema em trânsito: do dispositivo do cinema ao cinema como dispositivo*. In: PENAFRIA, Manuela; MARTINS, Índia Mara (orgs.). *Estéticas do digital: cinema e tecnologia*. Covilhã: LABCOM, 2007.

3. Idem.

4. SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

5. LARROSA, Jorge. *Abecedário de educação*. Acessível em: <<http://www.cinead.org/videos>> (em breve).

6. KOFF, A. M. N. S. *Trabalhando com projetos de investigação: quando a autonomia do aluno ganha destaque*. In: CANDAU, Vera. (org.). *Didática: questões contemporâneas*. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009.